

ONDE ESCONDEMOS O OURO

DINHA



EDIÇÕES ME PARÓ REVOLUÇÃO



Onde escondemos o ouro

Dinha

Livro I

O Guardião

Edições
Me Parió Revolução



Capa
Sandrinha Alberti

Edições
Me Parió Revolução



Índice para catálogo sistemático

1. Poesia 2. Literatura brasileira 3. Literatura Periférica

1ª Edição: agosto , 2013

Todos os direitos não são reservados. Liberada a reprodução ou transmissão parcial ou total deste livro, através de quaisquer meios, lembre sempre de citar a fonte.

Concepção editorial e diagramação: Dinha, Lindalva Oliveira e Sandrinha Alberti

SUMÁRIO

Quero meu Malote de volta - 4
O Guardiãõ - 7
Poema de Horizonte - 11
Vermelho - 12
Aos montes - 13
Explicação - 14
Cotidiano Blackout - 16
Por enquanto - 17
Açúcar -18
Receitas, diagnósticos e outros MMS's - 19
Poema particular - 22
Sertão - 23
Low Poesie - 24
Passagem - 26
Reverso - 28
Estudos - 30
SMS - 31

Prefácio

Quero meu Malote de volta.

Fomos ensinados a acreditar que o ouro é importante. Porém nós os pobres não lidamos com o ouro propriamente dito, lidamos, no máximo, com os folheados. Por isso aprendemos a chamar de ouro às pessoas que amamos e entendemos a nossa prole como nosso maior valor. É o ouro do trabalhador. Muito mais importante que o dourado do inimigo. Em dezembro de 2006, perdemos Fernando Elza, o Malote. Ouro desperdiçado. Pedimos de volta o nosso moleque e Deus disse que sim, que dava o neguim, não em carne e osso, mas em exemplo, desde que aprendêssemos a proteger nosso ouro. Muito ouro tem sido desperdiçado, há muito tempo, nas periferias Brasil afora.

Du

Onde escondemos o ouro

Dinha

Livro I

O Guardião

“ no fim do arco-íris um pote
De amor. PARA SER CONSUMIDO
INDIVIDUALMENTE”

I

primeiras palavras

Aqui nessa língua o silêncio
criou a primeira palavra:
incrível jabuticaba
se amadurando por dentro

esquisito foi que dela
nasceram
Borboletas

e medos
antes dela, nem o nada,
curioso umbigo canalha
era um projeto possível

o traço de flor, a angústia,
o horror e a salada de frutas,

a difícil ira
dos contos de fada

tudo jabuticaba
se corroendo

Aqui nessa língua
a ausência
criou a segunda palavra
porque não havia monstros,
nem sonhos, nem madrugadas
antes dela o que havia
conservava parentesco
com o risco imóvel na página.

II

segundas palavras

E se há regras demais nessa vida,
você, o que sabe da trilha?
já sabe que é só o começo?
tropeço sem sol nem sossego?
comida de pássaro preso?

Insiste nessa matemática.
Insiste em não muito saber.
Que o saco de sonho é estúpido
o jogo de cartas é único
que diz que não diz em você

(Se o que ela dizia era ausência
anêmona
ferida até não mais doer
Se a gente escolheu o silêncio
leito
lento
parindo o azul
e o vermelho
Você já devia saber.)

III

SMS

(a lata do lixo, o rato,
espaço de cobra e sabão)
Amor sem continha de lágrima.
Jabuticaba
ganha o chão

IV

Somos fortes. O corte
não põe-nos um ponto final
A gente começa outra vez .

Poema de Horizonte

Tempo que não é de amor
É de guerra
Calcula os segundo aí.
Cronista da angústia ele espera
Os dentes cravados na fera
O fim desse tempo sem fim

Cronista da angústia, há segredos
que só o teu corpo entendeu
a chave de fenda na língua
o corpo jogado na esquina
a tua lista dos 100.

Cronista do amor
tua angústia
precisa ancorar estratégia
pra todo o futuro existir

(e a vida fermenta os sentidos
olho por olho
gente por gente
marfim por marfim).

Vermelho

.É possível que não haja jeito e a rua se abra
como o mar se abriu

Um homem assim eu queria pra quem o mar se
abrisse como me abro livro guardado no plásti-
co um homem assim queria pra quem qualquer
vento levasse ao centro da revolução um homem
que me fosse que me estivesse quando eu sol já
não construísse dia um homem que me anun-
ciasse nova rota que eu não seguiria um homem
que me abraçasse como respirasse que me segure
quando a palavra que me enxugue quando outra
vez silêncio um homem que tombo que vela que
azul que saudade que lua que sombra que lue
que conche um homem que não desperdice seus
versos comigo que me reconstrua por segundo
que me impeça de ser assim lua concha pedra
caminho carinho cetim casulo cansaço mandado
pedra correntes cartórios e afins
um homem horizonte
horizonte
confim

Aos montes

O diabo disse à moça
te dou todas essas luzes
tudo o que teu olho toca
cabará em tuas mãos

A moça fechou os olhos,
dobrou sua alma pequena
três vezes
e guardou no sutiã.

Foi cuidar de suas crias

Explicação

Porque eu precisava de você assim. E te amava
como se amam

Os impossíveis. Com toda a certeza de não
haver outro dia, nem outra maneira
de amar.

Te amava como um castigo: joelho dobrado no
milho e

cantigas de ninar

Pra quem se cansou de dormir

Te amava

como a pele seca, a língua-mesa, madrugada e
sal

te amava como os livros não contam, como
chácara e sombra
no auge do verão.

Te amava com faca

Poeira de estrada

Medalha de lata

Te amava como se amam
Os impossíveis. Com chave de fenda e mísseis
Ensaçando a revolução.

Te amava com pedra e espera, com lua e jardim:
Lobo comendo fagulha
E crescendo
Por dentro de mim.

Cotidiano *Blackout*

Da última vez que a luz apagou
ninguém mais gritava.
Até o trovão se calara
enquanto o relâmpago
(faca afiada
 e brilhante)
espiava a barriga do sonho.

Como resultado
choveu um bocado
água gelo e sofás na correnteza.

Dessa vez, quando a luz apagou o vento
já tinha o cabelo na curva
a saia já estava bem justa
as contas em dia
e o colesterol

se o vento tivesse parado
e o trovão tivesse esticado bem forte as suas
cordas vocais
ninguém era feito de bobo.
O mundo inteiro era outro
a luz se apagava em paz.

Por enquanto

Duzentos milhões de maneiras
De dizer que te amo
Era preciso,
Eu sei.

Por enquanto ofereço
estas frutas
Cajus por debaixo
da blusa

E os infinitos
açúcares
que ainda não de nascer

Açúcar

Então eu, mulher sem chão
tentando alcançar a lua
pousada no alto
do céu da tua boca...

ou então jarro de mel querendo
adoçar o leite
quente
dos teus dentes
comendo meu monte
de vênus

ou então parlenda e cantiga
cruzando palavras antigas
e fingindo que não quero
a tua língua
na minha.

Receitas, diagnósticos e outros MMS's

Ao menino preto e pobre,
Um X de dignidade:
Ingerir no início do dia.

À menina preta e pobre
Cuidado no início da tarde,
O dobro no fim do dia.

II

Pra diminuir o espaço
Entre a zica e o cansaço,
Recomendaria um lapso
(entre a sopa e a canjica).

Depois duas prosas no dedo,
O medo cantando a cantiga,
encontro desencantado
o futuro suicida.

III

Entre o esgoto e a angústia

O sorriso petrifica.
Nem podia olhar de lado.

Continua

Entre o esgoto e a angústia
A dúvida
cobria o calor da comida.

III

No quintal de Iracema
A pedreira deu frutos
E a mangueira
Petrificou.

Continua

No quintal de Iracema
Uma fome espantada
Engoliu sua casa e
Voou.

Continua

Passareza voando ao inverso.

SMS

Quebrando o silêncio
Sanção
Tua voz pra calar o abismo:
Um tipo de teto de vidro
Tapando os buracos do chão.

Boa tarde.

Te amo como quem nasce.
Nua, esperada e

Saudade

Essa tristeza é parte
Da tarde, da luz, da engrenagem.

Desisto.

Tua tristeza é princípio.
Mais tarde nos desencontramos.

Poema particular

Ele disse que (também) gostava dela
assim:
sem tirar nem pôr...

Mas que se pudesse tirar e
pôr
tirar e
pôr
tirar e pôr,
infinitamente...

Que gostava muito mais.

Sertão

Te amo com todas as letras
Dessa nossa alma nossa:
Porta guardando histórias
Te amo como o helicóptero
Hipnotizando.
Te amo com a saúde das secas
O oásis da palma
A farinha guardada
Para as grandes ocasiões.
Te amo como a história existe
Recontada
Lambuzada de estradas
E de indecisão.

Te amo com todas as notas
Dessa nossa alma torta:
Aviso, lirinho e canção.

Low Poesie

foi um tempo de magreza
extrema em que minha alma
pequena se espremia
entre um tanto de costelas e nenhuma
caloria.

era um tempo um sal insosso
tempestade que me ardia
no osso. cama de engodo
em que minha alma dormia
inexistia

era o tempo suicídio moroso
carne no encosto. serenata
pras formigas

tempo de alma espremida
relógio assoprando as cinzas
calça frouxa muda boca
sozinha

tempo de dieta da angústia
pouca gordura. injúria.
café, almoço, calúnia. no prato
o poema inacabado
sapato gasto
e
rua sem saída.

Passagem

Serpente enciumada... do que não foi?

Amor é

Pra sempre foi

Pra nunca mais

Será

Jogo de cartas

Castelo de areia

Blusa passada

Carro vermelho.

Calendário

Tempo de história

A contar

No ouvido

No umbigo

Sorriso escondido

Debaixo das saias?

Promessa de sol elas são.

Calendário.

O mundo é você
Luando em meus braços

Calendário.

Por baixo o cansaço: Carretel
Enrolado
Pro céu
(calendário)
De amanhã nublado...

Reverso

(porque o mundo era uma mesa posta
A quem já não tinha olhos)

Meu namorado é aquele
A quem o mundo enche os olhos
E se reconhece Mundo
Com sentidos múltiplos
E cheiros de camisa seca.
(mundo novo é abrir os olhos)

Meu namorado é aquele
A quem a lua enche os olhos
E se reconhece Lua
Entre os braços do amado.
Das amadas.
(primavera é abrir os braços)

Meu namorado é aquele
A quem as mil flores se abrem
E se reconhecem Flores
De perfumes vermelhos
E incenso acesos
Na casa bem limpa.
(no chão de violetas atentas)

Meu namorado é aquele
Pra quem qualquer mar é segredo
Dito no ouvido do povo...

.....

Bonito como nascer de novo
Apesar do incêndio na praça.

Meu namorado é palavra
Jabuticaba
Borboleta-larva
(vendaval, revolução)

Por isso também ele é fúria
Contaço de angústia
Capuz.
Autorização.

Mil poemas
De amor, de justiça. Leveza
De sopro, de sonho e canção.

Estudos

Quanta angústia cabe
Debaixo da saia?
Na ponta do lápis?
Na ponta da língua?

Dependerá sempre
O tamanho da saia
O tamanho do lápis
O tamanho da língua

Quanta saudade cabe
Num poeminha?
Dependerá sempre
O tamanho da alma
O tamanho da álgebra
O tamanho família

SMS

A chave de fenda é a multa
Conduta de amor e de luta
Na sala repleta de não

Impresso Lá em Casa, São Paulo, em
papel 90g/m²



Onde escondemos o ouro

Dinha

Livro II
O Ouro
ou: A Lista dos 100

Edições
Me Parió Revolução



Capa
Sandrinha Alberti

Edições
Me Parió Revolução



Índice para catálogo sistemático

1. Poesia 2. Literatura brasileira 3. Literatura Periférica

1ª Edição: agosto , 2013

Todos os direitos não são reservados. Liberada a reprodução ou transmissão parcial ou total deste livro, através de quaisquer meios, lembre sempre de citar a fonte.

Concepção editorial e diagramação: Dinha, Lindalva Oliveira e Sandrinha Alberti

SUMÁRIO

Admirável engano novo -	41
Ao Mais-Novo caído -	43
O incrível mundo pixado -	45
Credo -	46
Um poema como ela merece -	48
O nome do rei -	49
Poesia Relutante -	51
Inverno -	54
Saída -	56
Convocatória -	57
SMS -	58
Calibre 200 -	59
.Mas não.-	60

Onde escondemos o ouro

Dinha

Livro II

**O ouro
ou: A lista dos 100**

“Eu sei o que é a fome
O susto no IML
Conheço pelo nome
A quem ofertou as velas”

Clã Nordeste

“(…) não se morre
uma só vez, nem de vez.
Restam sempre muitas vidas
para serem consumidas
na razão dos desencontros
de nosso sangue nos corpos
por onde vai dividido.”

A mesa - CDA

Admirável engano novo

Vai que um dia a gente acorda
e o morto não nos olha
da porta as crianças soltam
bolhas de sabão.

Entretanto, estranhamente,
o nosso malote não volta
o pássaro estúpido
lhe emprenha de asas sem ouro.
Aristides é outro.

E os tantos meninos guardados
tão bem que já nem avançam em idade
multiplicam-se também...

Enquanto isso
guardamos em pixels
poucos, que é pra economizar espaço
os momentos guardáveis
em gigabytes
visíveis apenas em tela menor

um mundo inteirinho se abre
na palma da sua mão.

.(Essa nova alma android
e a nossa visão toda pocket
não fazem revolução).

Ao Mais-Novo caído

Asseguro.

Com certeza pensou no filho.

no menino que seria

o dos teus olhos

pra sempre.

tua mãe também

quando ouviu teu nome

e tiros

pensou no menino dos olhos

dela.

com certeza

lembrou do batismo

bebê no colinho

abandonando, desde cedo,

o pai.

Asseguro.

Pensou na vida

inteira

pela frente

que era tua e queríamos

que vivesse

pensou, talvez, em mim

eu que sangro todo dia
tua vida e tua história
e que endereço a você
meus versos de guerra e sem glória
e divido com meus anjos
essa responsabilidade:
garantir tua existência
avançar em tua idade

roubada
até que se prove
o contrário
e você possa
descansar

em paz.

O incrível mundo pixado

Cravo firme os pés
na poeira da lua,
e no chão arenoso
a cabeça matuta.
A distância e a gravidade
são o que me salvam
do meu corpo replicado
no planetinha azul.

Súbito, sacode o poema.
Apocalipse unindo a poeira que me resta
ao corpo que me deram.
E um soco no estômago
do ódio
esvazia a palavra
e me devolve
ao incrível mundo pixado
do noticiário.

Credo

Poderia ser
Jogador de futebol
Carroceiro pra sempre
Será
Poderia ser
Mulher maravilha de espanto
Menina de rua pra sempre
Será

Às vezes, posso ser muito malvada
Posso esculachar meninos
Semear piratas
Arrancar os olhos dos reis
Das rainhas
Posso arrancar o coro
Do começo
Posso impedir o choro
No final
Nem me desculpar

Poderia ser
Canção de amor futura
Menino, menina de rua
Pra sempre
Será.

Poderia ser
Arco-íris, sol e chuva
(nascimento de viúva)
Pra sempre
Será.

Um poema como ela merece

Lindalva Preta
Espera um pouco
Que eu fabrico o teu poema
Juntando esses vasos de lua
Esse cheiro de chuva
E muita cerveja.

Espera mais um pouco
Um pouquinho só
Que acrescento:
Cantigas do sono
Yansã e teus santos
pitadas de fúria
e de humor

que é pra abençoar tua casa
florir tua alma
abrir estradas
e fortalecer o amor

O nome do rei

Quem foi que roubou
a idade
de Felipe,
Edmarcos?

Quem foi que roubou tua idade,
Gustavo?

Quem foi que roubou a idade
de Fernando

- o Maloterson ?

Quem deixou tua mãe órfã?

De tantos meninos guardados,
a idade,
quem roubou?

Será que foi um soldado, desses
honrados
que erguem a espada e acabam com o mal?

Eram maus,
vocês?

Quem te roubaria a idade?
Algum relógio usado
a mando do rei?

Cadê tua idade,
Hilário?
Cadê tua idade,
Henrique?
Esconde a tua,
Renato,
esconde a tua,
Aristides,

que seja relógio ou soldado,
a mando da honra ou a mando do rei,
nos mangues, nos becos, nas celas,
procuram
por vocês.

Quem vai te roubar a idade?

Poesia Relutante

Ao Mais-Novo (de pé)

Eu não quis esperar
você ir
pra fazer este poema.
Pode ser que você vá
daqui a oitenta e cinco anos.
Não importa.
Importa
saber
que você
é porta.
Como os outros.
Se se perder,
nós também estamos todos
muitíssimo mais
que perdidos.
desachados.
desse jeito que ficamos
quando perdemos o passo
(que horizonte
era coisa do passado.
de hoje em diante

o futuro
era apenas um abismo).

Não foi assim, Belega?
foi assim quando morreu
o amigo?
não ficamos abismados?

você e eu?
não era o Bristol um abismo?
impossível dar um passo?
Não foi que nos tiraram
um abraço?
dos mais justos, dos mais
engajados?
como se tirassem pai e mãe e nos deixassem
mais que órfãos?
mutilados?

Não foi, Belega?
foi assim?
como se, súbito, o mundo
deixasse de existir?

como se a palavra
encontrada
já deixasse de ouvir?
e o companheiro amigo
nunca mais que nunca
mais?

.....
.....
.....?

Eu queria escrever esta carta
ao Belega menino
de anos atrás.
Que de pé, ainda estamos,
mas nos faltam muitos sonhos
e futuro
falta
cada vez mais.

Inverno

daqui a um mês
outro ano
de sua ausência sentida.
pensei escrever um poema

um poema
que bastasse
que trouxesse
quem sabe
a dormência
sem trair sua memória.

pensei lhe dizer ainda
que a sua ausência é sentida
vinagre invadindo a ferida
dia
após
dia.
que já nossos olhos não servem

que os nossos ouvidos não ouvem
que o rap só canta em silêncio
e que ainda só estamos
calados.

daqui a um mês, outro ano
sendo apenas suicidas,
sendo verso inacabado.
tentativa.

daqui a um mês o inverno
completa outro ano de vida.

Saída

Intentou passar sem culpa
A chave de fenda na nuca
Inda não surtia efeito
Que jeito.

Do fim ao começo
Sabia-se que sofria

Nesse dia, teve medo de morrer e não morria
Chovia.
Cadáveres na Vila Alpina.
Ela passou e escutou gritos de dentro.
Sabia que se calava
Uma palavra
Não ia

Sabia que merecia
A lua inteirinha
Sangrando no beco
(Vermelho rio de ternura
Esgotando no bueiro)

Toda partida é começo?

Convocatória

(aos 111, que descansem, e a nós que insistimos em sobreviver)

Porque a justiça tem olhos de águia, mas gosta de brincar de cabra-cega.

Não queria calar o grito
Eu queria sim
Escrever um poema
Que não dormitasse
na garganta da minha indignação

Não queria calar o grito
Eu queria sim
Atirar um poema
Que sangrasse
Nó na garganta do Ubiratan

não queria escrever um poema
eu queria sim
saudar as vítimas
furar os olhos da justiça
e convocar à rebelião.

SMS

Singelo e sincero
O bilhete na mão
Essa gota de sim
Desabando no chão.

Calibre 200

“O guerrilheiro é terra móvel
Decisão de liberdade
Na pátria raivosamente escrava”
(Costa Andrade)

Fernando Maloterson (alto!) lidera a lista dos cem.
(Se não qual o outro sentido do pássaro estúpido
tomar o teu corpo te por tão no ar?)

Fernando Maloterson (alto!) comanda a lista dos
cem.
Bem lá no finzinho, Aristides - o que sonhava ser
padre ---- recepciona os chegantes.

Meninos de exército novo
assumindo posições.

Por baixo, prossegue essa vida.
Cotidiano instinto de proteção.
Nova milícia
Velha carícia:
a liberdade inscrita
brilhando fria nas mãos

.Mas não.

Pegamos na mão do irmãozinho. Eu disse Vem cá malungo, vou te mostrar outro espaço. Desses em que não se morre sem o máximo de vida, desses em que a serpente é bem mais que arco-íris, desses em que a gente é a 1a maravilha emprestada aos humanos. O mais-novo veio, olhar atento, dançando esses ritmos de longe que trazemos bem dentro do peito. Irmãozinho bonito como a chuva é de noite e estarmos protegidos. Irmãozinho firmeza furando a voz do inimigo e despetalando estrelas. Irmãozinho Ifá, prevendo as canções do futuro e anunciando os muros caídos na fúria dos litros de luta e de escorpião. Que o nosso mais-novo era assim: aguardava pra ser sábio. Reunia na retina, na rotina e na velhice, as histórias de dormir e de acordar – que vinha juntando nos ossos, na boca, no peito, nos olhos, no sangue do inimigo que talvez corresse em seus braços e morreu um pouco com ele. O nosso malungo, uma noite, surpreso com as balas voando, pegou carona com elas e foi nos olhar do Orum.

O nosso mais-novo, agora, tem mais força que nós todos e, do campo lá de fora, do mundinho onde se vive, reúne a lista dos cem e ajunta os que não entraram.

Seu axé vela por nós. E nós lhe velamos daqui. Um dia juntamos as forças e praticamos a forra: desforra contra o varejo que planejou nosso fim. E de hoje em diante nós fomos irmãozinho ter morrido e fingirmos que calamos.

Impresso Lá em Casa, São Paulo, em
papel 90g/m²



Onde escondemos o ouro

Dinha

Livro III

Bichos

Edições

Me Parió Revolução



Capa
Sandrinha Alberti

Edições
Me Parió Revolução



Índice para catálogo sistemático

1. Poesia 2. Literatura brasileira 3. Literatura Periférica

1ª Edição: agosto , 2013

Todos os direitos não são reservados. Liberada a reprodução ou transmissão parcial ou total deste livro, através de quaisquer meios, lembre sempre de citar a fonte.

Concepção editorial e diagramação: Dinha, Lindalva Oliveira e Sandrinha Alberti

SUMÁRIO

SMS - 69

SMS - 70

Borboletas - 71

The Little Big Bang - 72

Bichos otários - 73

Na aba do baile funk - 75

Vingança Possível - 77

Canoa, com quantos paus se faz? - 78

Pra melhor não escutar - 79

Nos olhos - 80

Cemitérios Gerais - 81

Onde escondemos o ouro

Dinha

Livro III

Bichos

“Uma coisa é um país,
outra coisa é um jumento”

Vinícius, 12 anos, tropeçando no poema de Afonso
Romano de Sant’ Anna

“Não!
Uma coisa é um país,
outra coisa é um ajuntamento”

Vinícius, tentando se corrigir.

SMS

O prêmio de angústia do ano
é dela
uma tonta de panela
que explodiu
foi pras cucuias

SMS

Nenhuma palavra

Expressa

Café

Expressa

O nexodescontinuado

Borboletas

A trupe
Vinha voando
Meninos molambos
No fim da manifestação

Menina
Ela vinha no centro
Bandeiras em punho
Botavam terror

Eram cômicos
Quixotes moimhando sonhos
Roendo os encantos
Possíveis de haver

(e o incrível Centro Histórico
Da cidade que não para
Parou pra ver)

Morrer, só se morre uma vez?

The Little Big Bang

Boca nervosa

Cospe o mundo

Outro dia cuspiu chuva

Anêmica

Lambe a tela do cinema

Pede esmolas na esquina

Boca nervosa

A rosa

Diluiu na multidão

Dente-de-sabre engole

A chave

O soluço e a canção.

Bichos otários

Borboleta.

16hs de vida.

De manhã o pão com sonho

Adoça o café a angústia

A sereia de olhos meigos

Digerida pelo medo

Debaixo das minhas vistas

Borboleta.

16hs de vida.

Gasta tudo em uma noite

Longa noite de argila

A sereia de olhos negros

No horizonte do cabelo

conseguiu ver a curva

Borboleta

16hs de vida

Não voou porque não soube

Das asas

pra que serviam.

A sereia muito menos
Seus sonhos
(Até mesmo os plenos)
encheram só um copo de pinga

Na aba do baile funk

(poema-panfleto a favor da autoestima)

Não. Não eu não senti vontade
De lançar bunda pra cima
Enquanto o soprano soprava
O estupro da menina.

Não me liga o tom alegre
Nem o ritmo farinha.
(o que ouvi não era um funk
era o fuck
palavra voltando à origem)

não tentei entrar no ritmo
não tenho culhão pra isso.
(Bem no fundo, ema-ema,
minha alma é mesmo pequena).
Não cabe qualquer porcaria.

Não cabe esse disco riscado
esse sino quebrado,
pedofilia.
Troféus aos psicopatas,

colírio pro olhar marejado,
azul desbotado,
saidinha.

Minha alma pequena, pequena,
Que sofre claustrofobia,
Não cabe
Não cabe essa mágoa
Não cabe o amor ao contrário
o amor ao otário,
disfarce amargo,
vinho barato
manchando a camisa.

Minha alma pequena
não surda.
Minha alma poema,

não burra.
Minha alma doce migrado,
pequenina rapadura.
Minha alma miniatura,
minha alma lua
minguada.
Blindado no fundo
do baile estourado.

Vingança Possível

(Disse que, ano novo, namoraria felicidade
- e ela pisou em mim...)

Nem terminei o poema!

Mandacaru,
Enraizei no fundo
E me espinhei por fora.

Nunca mais que lhe dei água!

Inda outro dia
Precisou de guarda-sol.

.....
Teve que sair na chuva!

E foi só.
Eu bem sei
Que nada sei.

Ela pisou,
Revidei.

Canoa, com quantos paus se faz?

Joga cinza em minha cara. Vai ver
Quanto custa o meu silêncio. Vai ver
Quanto mede minha hora. Vai ver
Como vira essa canoa.

?Como vira essa canoa
Se nem chuva...
?Como mede-se essa hora
Se o relógio...
?Quanto custa esse silêncio
Se o dinheiro...

Não sei
Só sei
Que vira

E debaixo da chita
(a aranha)
Anoitece o mosquito.

Pra melhor não escutar

Gato escaldado, fora!
Que eu vou chutar o balde
E o risco que se corre
Não vale a poeira do chão.

Gato escaldado (fora!)
Pra que tanto medo assim?
Eu não tenho medo de nada
A não ser a madrugada
Seus pés-de-pato,
Seus dentes de marfim.

Gato escaldado não diga
Que eu sou muito vulgar.
Melhor é tapar os ouvidos
Pra não escutar meu grito
Ferindo tua jugular.

Gato escaldado (fora!)
Eu sou só bicho do mato
Mas te trago aqui um copo
De analgésico e alegria
Pra você, gato escaldado
Que tem medo de água fria.

Nos olhos

Ratos

Não somos.

A gente é

É tigre

Que avança

Abate

E sai deixando a carcaça

e a carniça.

Apaga a bituca em meu olho.

Vê se eu cego

(ou se morro)

Antes de ver mamã chorar.

Que eu não vou botar meus óculos.

.....
Quando estilhaçar seus ossos

Também vou te olhar nos olhos.

Cemitérios Gerais

O nosso tesouro
guardamos
em vilas e jardins.

Três anos depois, o Cachorro
cavuca
o osso
termina de nos roubar.

Outra família enterra
seu ouro
no mesmo
lugar.

A autora:

Maria Nilda de Carvalho Mota, a Dinha, nasceu em dezembro de 1978, na cidade de Milagres (CE). Veio para São Paulo no ano seguinte, com o pai, a mãe e mais sete irmãos. Em 1999, ingressou no curso de Letras da USP. Hoje é doutoranda da área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. Em 1999, participou da fundação da Posse Poder e Revolução – um grupo de pessoas jovens e adultas que hoje administram o Espaço Cultural Maloca. Autora do Livro “De passagem, mas não a passeio”, (2006, edição da autora/ 2008, Global Editora).

Me Parió Revolução

Acaba de nascer mais uma personagem na cena cultural e política da cidade de São Paulo, é a Me Parió Revolução, o selo editorial da Rede Poder e Revolução e do Coletivo Perifatividade. Idealizado e executado por mulheres, o selo se propõe a editar livros “semiartesanais, bonitos de encher os olhos e a alma, mas sem esvaziar os bolsos”. A intenção é promover a leitura facilitando o acesso aos livros, e incentivando autores e autoras estreantes ou não a publicarem seus textos de forma independente. O grupo pretende também disponibilizar gratuitamente ebooks e audiolivros traduzidos para outros idiomas, e a venda dos impressos custeará, além de novas publicações, as ações dos coletivos Poder e Revolução e Perifatividade, como a reocupação do Maloca Espaço Cultural e a Biblioteca Comunitária Livro-pra-que-te-querô.

Me Parió Revolução: Literatura, Crítica, Artes, Política e algo mais.

Apoio:



ASHERKUNO

ASHERKUNO



Impresso Lá em Casa, São Paulo, em
papel 90g/m²



Nélida, Dinha, Elisa e as palavras.

(...)Dinha nos traz poesia de dentro de um mundo onde muitos de nós só enxergam o medo. Poesia real, poesia visceral, melhor dizendo, mas não sem amor" (...)

(...)Lendo essa autora da favela Vila Cristina, no Parque Bristol, em São Paulo, essa escritora "periférica", leio muitas pessoas, rostos, vozes, sorrisos e possibilidades, e me lembro de Cristóvam Buarque questionando quantos prêmios Nobel o Brasil deixou de ganhar por não permitir que seus jovens, cidadãos brasileiros como todos nós, tivessem a oportunidade de descobrir que podiam, que era possível desenvolver o talento que cada um de nós carrega" (...)

Edney Martins

Blogueiro - Belém, PA